

# A Formação em Arquivística \*

**CAROL COUTURE\*\***

O objectivo desta conferência é, numa primeira parte, o de apresentar os elementos necessários e a ter em conta quando se pensa na estruturação de um programa de formação em Arquivologia e, numa segunda parte, apresentar a filosofia que sustenta os programas de formação oferecidos pela Universidade de Montréal.

A estruturação de uma disciplina, passa necessariamente pela formação e pela pesquisa, através de acções conjugadas para a elaboração e desenvolvimento das teorias e métodos próprios desta actividade.

Nos tempos actuais, em que se vê emergir uma Arquivologia como disciplina, a formação dos arquivistas torna-se um assunto prioritário. Apresentaremos numa primeira fase alguns dados anteriores à formação; em seguida proporemos um certo número de elementos que, segundo pensamos são essenciais para estruturação de um programa de formação em ARQUIVOLOGIA; finalmente, falaremos sobre a importância da pesquisa em Arquivologia que, pensamos, evitará os erros de informação, quaisquer que sejam.

Quando se pensa estruturar um programa de formação em Arquivologia a primeira pergunta que se põe é a seguinte:

Pretende-se uma Arquivologia sectorizada ou uma Arquivologia global ou integrada?

Uma Arquivologia sectorizada leva a privilegiar tanto a organização e tratamento dos arquivos correntes — arquivos enquanto com valor administrativo — como a organização e tratamento dos arquivos históricos — arquivos quando com valor de testemunho. Pelo contrário, no caso de uma Arquivologia global ou integrada, o seu valor será unificado, tanto nos arquivos correntes como nos arquivos históricos.

---

\* Conferência proferida no Anfiteatro do Centro de Documentação Científica e Técnica em Lisboa, no dia 12 de Setembro de 1989.

\*\* Professor da Escola de Biblioteconomia e de Ciências da Informação da Universidade de Montréal

No caso ideal, um programa de formação deve manter o equilíbrio entre a parte que diz respeito aos arquivos correntes e a que diz respeito aos arquivos permanentes. Tal modo de proceder permite evitar um «cursus» na orientação, que viria impor uma escala de valores desvantajosa para os estudos já classificados em função do programa seguido. Isso equivaleria a impor-lhes limites e carências no mercado de trabalho. Os criadores de um programa de formação em Arquivologia deverão interrogar-se sobre o objectivo do mesmo.

Tratando-se de uma formação inicial — cursos para jovens iniciados — ou de um curso de aperfeiçoamento — «refrescar» (reciclagem) de conhecimentos de arquivistas em funções, é bem evidente a diferença entre um e outro bem como as diferenças entre os elementos que compõem um e outro programa.

Na concretização de qualquer projecto, um factor essencial é a determinação da Instituição que se propõe pô-lo em execução.

No jargão administrativo fala-se de «vontade política» para significar a prioridade que a Instituição concede a esta ou aquela organização, realização. Qualquer pessoa que deseje estruturar um programa de formação em Arquivologia, que queira fazê-lo em certos tipos de Instituições de ensino e seja a que nível for, tem toda a vantagem em avaliar com a maior precisão possível o nível de prioridade que a Instituição concede a esse projecto. Sobre este ponto é preciso não ter ilusões — o sucesso, a viabilidade, a visibilidade do programa, é directamente proporcional ao entusiasmo que se consegue comunicar à Direcção da Instituição.

É em absoluto muito importante conseguir explicar às autoridades competentes a finalidade dos programas de formação de tal modo que a sua decisão seja esclarecida.

Outro factor cuja análise preliminar é necessária: quando se pensa criar um programa de formação em Arquivologia deverá esta formação ser a nível pré-universitário ou universitário? — e se se opta por uma formação universitária, deverá ser bacharelato, licenciatura, mestrado, cúpula especializada ou catedrática?

Quando se cria uma Escola autónoma de Arquivologia, devem manter-se ligações com departamentos de História, Escolas de Biblioteconomia e Ciências da Informação e, em casos mais raros, com Escolas de Administração.

No quadro da estruturação de um programa de formação em Arquivologia, há que ter em linha de conta certas características que distinguem as diferentes camadas visadas. Assim, os programas deverão ser diferentes, conforme o grau de maturidade e de preparação académica da camada a que se dirigem. Por outro lado, o conteúdo de um programa de formação deve atender, dentro de certa medida, às necessidades do mercado de trabalho que não deixam de influenciar a camada visada. No entanto, não deve encarar-se este último elemento com demasiada atenção, porque um programa de formação sobretudo universitário, não pode nem deve ser prisioneiro de um mercado de trabalho frequentemente muito instável. No que concerne aos elementos que constituem a formação em Arquivologia, de que se deve planificar a organização, aparecem em evidência os recursos humanos. Nunca se dirá o suficiente sobre a importância dos recursos humanos numa formação em Arquivologia. Com

efeito, serão a qualidade e a quantidade destes recursos que saberão estabelecer o êxito ou o fracasso de um programa de formação. Estes recursos são essencialmente de três tipos:

- *Pessoal docente*
- *Pessoal de assistência pedagógica*
- *Pessoal administrativo*

A Arquivologia é, simultaneamente, «velha profissão» e «jovem disciplina». Com efeito, os arquivistas existem desde a noite dos tempos, mas a disciplina que constitui a sua base teórica é relativamente recente. A raridade



das Ciências humanas que podem e aceitam consagrar-se a tempo inteiro e em permanência à formação em Arquivologia é uma consequência desta situação. No actual estado de coisas, o corpo docente permanente é o recurso mais indispensável a qualquer programa de formação em Arquivologia. Na maior parte dos casos, os elementos de ligação com a profissão, saíram dela. Atingiram um nível de teorização e de reflexão, suficientemente avançados para poderem transmitir com vantagem aos estudantes um saber arquivístico composto de métodos e princípios que se apoiam sobre uma experiência comprovada. Na grande maioria dos casos, são estes professores permanentes que orientam os programas e exercem uma liderança suficiente e bastante

convincente para assegurar continuidade e desenvolvimento. Como é lógico, estes professores — de créditos perfeitamente reconhecidos — respondem tanto pelo seu empenhamento como pelo futuro das suas carreiras, de acordo com as regras da Instituição responsável. Se um programa tem lugar numa Universidade, os professores de Arquivologia devem ter o mesmo grau e seguir o mesmo perfil de carreira que os outros professores da Instituição.

Mais frequentemente que outrora, os programas de formação em Arquivologia fazem apelo a professores eventuais e encarregados de curso. Sendo a disciplina jovem, é normal que a formação neste domínio esteja em pleno desenvolvimento e deva por consequência contar com a participação dos profissionais mais experimentados e mais aptos a transmitir o seu Saber e Conhecimento.

Compreender-se-á, no entanto a necessidade neste capítulo, de agir com prudência e circunspeção, escolhendo os profissionais capazes de se elevarem acima dos seus congéneres. Aqueles que consigam transmitir ao estudante uma visão de conjunto assente sobre uma reflexão pessoal que seja mais que a recitação da experiência vivida.

Quando se torna possível, há toda a vantagem, para um programa de formação, em poder contar com um ou vários professores convidados ou substitutos que, de certa maneira serão «emprestados» pelas suas Instituições por um período de tempo pré-determinado de um ano ou mais. Uma tal forma de proceder, permitirá contar com profissionais de alto gabarito, unicamente preocupados com a formação de estudantes e sem que a Instituição a que pertencem se veja definitivamente privada deles. Esta fórmula permite à profissão ir directamente ao local onde se torna necessário ir para participar no desenvolvimento e bonificação da jovem disciplina que é a Arquivologia.

Ao pessoal docente deve juntar-se o pessoal a que chamaremos de *assistência pedagógica*. Compreende essencialmente os responsáveis de estágio, aqueles que assistem os professores na animação dos estágios e na correcção de provas.

É mais que evidente a necessidade que existe em Arquivologia de estágios práticos durante o decorrer do Curso. A Arquivologia é uma disciplina de *finalidade profissional* e a este título deverá poder apoiar os ensinamentos teóricos sobre uma base de experimentação e contacto com a prática, não menos importantes.

Há quem vá mais longe, talvez demasiado, e afirme que a formação em Arquivologia se deve apoiar prioritariamente sobre a aprendizagem prática. Seja como for, esta prática, indispensável para a formação, não pode ser ignorada e importa por consequência poder prever a participação do Pessoal, cuja tarefa principal é planificar e organizar, enquadrar e avaliar os estágios. O responsável pelo estágio fará a ligação com o meio profissional observando um contacto permanente com o mesmo.

No futuro, enquadrará os estudantes para se assegurar de que tirou o máximo rendimento deste primeiro contacto com o trabalho. No fim dos ciclos, avalia o rendimento dos estudantes baseando-se em critérios perfeita e *claramente* estabelecidos.

Um programa de formação em Arquivologia necessita também de *Pessoal de assistência dos Professores e Encarregados de Curso*: Trata-se de animadores que ajudarão o Pessoal docente na organização das sessões de trabalhos práticos ou, noutros casos, correctores que possam libertar os professores da correcção de exames e de trabalhos práticos.

Muito frequentemente os responsáveis por programas de formação esquecem a importância e o carácter essencial do Pessoal Administrativo. Trata-se de *peçoal de secretariado e de suporte geral de administração*, cuja necessidade advém do tempo que o pessoal de ensino deve dedicar ao mesmo ensino e à pesquisa. Sem administrativos eficientes e suficientes os professores serão desviados para tarefas de administração que assim virão em muitos casos a ser pior executadas e por custos superiores.

Para além dos recursos humanos de que acabámos de descrever a importância, o segundo elemento essencial à formação em Arquivologia é o conjunto dos recursos materiais. Os recursos materiais são numerosos e para fins de apresentação, agrupá-los-emos em quatro grandes grupos:

- Documentação
- Utensílios pedagógicos
- Laboratórios
- Recursos financeiros

Seria ilusório pensar em formação sem ter pensado primeiramente na parte documental que deve ser a base de todo o ensino e de toda a pesquisa. Em particular, se a formação se situa ao nível universitário que privilegiamos, compreende-se de imediato o carácter essencial deste recurso. Dada a relativa juventude da Arquivologia como disciplina, é possível reunir a maioria dos escritos relativos a este domínio de actividade. Assim, um programa de formação que se pretenda minimamente sério pode fixar-se o objectivo ainda realista de fazer a aquisição de todos estes documentos — obras de referência, bibliografia, monografias, relatórios, documentação periódica. Naturalmente deve-se assegurar também a existência de uma colecção actualizada e o mais completa possível de descrições de programas maiores de Arquivologia existentes noutros locais.

**Conferência proferida pelo professor da Escola de Biblioteconomia e de Ciências da Informação da Universidade de Montréal, Carol Couture, no Anfiteatro do Centro de Documentação Científica e Técnica em Lisboa, no dia 12 de Setembro de 1989**

Professor e estudante, têm igualmente necessidade de um certo número de utensílios indispensáveis a uma Pedagogia da Arquivologia que, necessário se torna confessá-lo, está ainda no seu início. Assim, um programa de Arquivologia deve ser apoiado por meio de documentos e meios audiovisuais. Por vezes, os objectivos profissionais podem, vantajosamente, ser utilizados como exemplo, tendo em vista o aspecto pedagógico. Numa Sociedade habituada à

imagem como aquela em que vivemos, o diaporama, o vídeo, a montagem fotográfica, são utensílios audiovisuais que permitem tornar mais claras as exposições teóricas que, de outro modo, correriam o risco de se tornar maçudas e de compreensão menos rápida. Mais ainda, a utilização de cadernos de exercícios e de aprendizagem, facilitarão ao estudante a compreensão dos princípios e dos métodos arquivísticos. Também as séries de conferências podem ser utilizadas com muito interesse como utensílios pedagógicos — deste modo é possível obter o contributo de especialistas altamente qualificados em aspectos particulares da Arquivologia, que de outro modo não poderia ser aproveitado no ensino.

As Ciências humanas às quais pertence a Arquivologia, esquecem muito frequentemente a importância dos Laboratórios. Em Arquivologia reconhece-se sem demasiada dificuldade o carácter essencial do Laboratório de conservação que fornece ao estudante um mínimo de sensibilização concreta em toda a dimensão da missão arquivística de conservação. Também com o Laboratório de Informática se passa o mesmo. Sem este recurso tecnológico, a Arquivologia não pode ser facilmente compreendida e integrada pelo aluno. Entretanto, outros tipos de Laboratórios de Arquivologia podem ser equipados com instrumentos que facilitem a familiarização do estudante com a organização e o tratamento geral dos arquivos. É vantajoso que um Laboratório de Arquivologia possa reunir diferentes tipos de sistemas de classificação, vários géneros de calendários de conservação, um certo número de instrumentos de pesquisa — com a finalidade de pôr à disposição de professores e alunos uma amostragem válida da realidade arquivística circundante.

Mencionou-se a importância que tem a «vontade política» da Instituição envolvida no projecto. Pode julgar-se o grau mais ou menos importante dessa vontade através dos meios financeiros que a Instituição põe à disposição do programa de formação. Todos os recursos de que falámos até agora, tanto os humanos como os materiais têm como meta a prossecução de um fim. Esse fim, é preciso que a Instituição aceite querer atingi-lo, consagrando ao programa de formação recursos financeiros suficientes. A determinação de uma Instituição em ir para a frente com um programa de formação, *é directamente proporcional às somas que lhe destina.*

Além de todos os recursos a que acabámos de fazer referência, existe um outro tipo de recursos a que um programa de formação em Arquivologia pode recorrer e de que necessita:

- aqueles que podem ser fornecidos pelos *órgãos arquivísticos circundantes*, quer sejam *associações e agrupamentos de profissionais, serviços de arquivos, Instituições e seus organismos circundantes, serviços de suporte pedagógico.*

Com efeito, como um programa de formação não se desenvolve em compartimentos estanques, os responsáveis por ele devem aproveitar ao máximo as vantagens oferecidas pelas realções existentes com tais intervenientes. O papel do meio profissional num programa de formação em Arquivologia é indiscutivelmente importante. Sem que uma associação ou um grupo profissional tenha que intervir na gestão corrente de um programa de formação, é

necessário que existam mecanismos que lhe permitam intervir no momento da formação e ao longo da sua existência, particularmente quando das avaliações periódicas. Depois deste momento estratégico, as associações continuam a desempenhar um papel no domínio da formação por meio de interrelacionamento existente entre os professores e os profissionais, pelo encorajamento que devem dar e pela participação como conferencistas, encarregados de cursos ou de outros modos. Ainda mais — as associações e agrupamentos criam lugares para os estudantes e prevêem a integração destes novos profissionais, o que é um aspecto muito importante no que concerne à renovação do pessoal. Para os estudantes será primordial tornarem-se rapidamente membros de uma associação — tomarão contacto directo com a realidade arquivística da região e com os profissionais que irão acolhê-los como novos membros da profissão e com novos empregados.

Os serviços de arquivo circundantes podem ser encarados de vários ângulos — formação de pessoal docente, ou encarregados de curso, estudantes em estágio, arranjar pessoal e material para laboratório (tudo que anteriormente citámos como elementos privilegiados para o tratamento de dados e avaliação de programas).

Os serviços de arquivos fornecem o contexto profissional arquivístico sem o qual um programa de formação se arrisca a afastar-se da realidade. É tão importante poder contar com o serviço de arquivos como é importante que um programa de formação se situe na vizinhança de vários organismos e instituições capazes de contribuir para o seu desenvolvimento. Estas instituições, sejam públicas ou privadas, podem ser de grande envergadura e participar na formação em Arquivologia sob condições de que nós arquivistas sabemos sensibilizá-las nesse sentido. A melhor maneira de as levar a receber estagiários é sermos capazes de *garantir o conhecimento da Arquivologia*. Não esqueçamos que *um programa de formação em Arquivologia que se não apoie no mercado do trabalho não poderá subsistir por muito tempo*. Os responsáveis por um programa de formação em Arquivologia devem pensar na dimensão pedagógica do programa e fazerem apelo a um número importante de encarregados de curso. Com efeito, a «jovem disciplina» que é a Arquivologia apoia-se fortemente sobre encarregados de curso que têm uma necessidade premente de assistência pedagógica. Torna-se então absolutamente necessário que a Instituição que ministra no seu seio um programa de formação em Arquivologia tenha em conta essa característica e assuma os meios que lhe permitam oferecer tal serviço. Este serviço concretiza-se por:

- Assistência no estabelecimento das horas de curso
- Preparação dos cursos
- Escolha dos métodos pedagógicos mais apropriados
- Avaliação dos estudantes

Necessário se torna também estabelecer um equilíbrio entre Teoria e Prática. Muitos profissionais veiculam presentemente um conhecimento de Arquivologia que o torna bastante diferenciado, dando dela uma imagem pragmática. Quantas vezes ouvimos a afirmação de que a Arquivologia é uma actividade

meramente prática e que a melhor formação neste campo é a que se baseia na prática de anos? Daí a afirmar que só longos anos de actividade poderão formar arquivistas não vai senão um passo. A realidade, porém, é outra. A Arquivologia, como disciplina, a continuar a desenvolver-se tem necessidade imperiosa de uma sólida base teórica que só lhe poderá ser dada pela reflexão e pela pesquisa. A Arquivologia é uma profissão e é também uma disciplina. O seu desenvolvimento terá de se apoiar nos resultados de uma pesquisa, que virão aprofundar e enriquecer a prática estabelecida. Assim, num programa de formação, o equilíbrio entre a Teoria e a Prática nunca poderá ser atingido, *sem a existência de estágios durante o curso*. Este elemento essencial de formação que é o estágio deve ter como objectivo permitir ao estudante transportar a Teoria para a prática profissional de modo a estar mais apto a integrar-se na «velha profissão». O estágio, «grosso modo», é excelente para que o estudante possa propor trajectos interessantes e pertinentes outrora hostilizados.

Os responsáveis pela organização da formação em Arquivologia deverão ter liberdade suficiente para estruturar programas capazes de responder adequadamente àquilo que deles se espera. A viabilidade da formação em Arquivologia, como aliás em outros domínios da Ciência, reside principalmente no dinamismo da pesquisa que a apoia.

A Arquivologia como disciplina deve apoiar-se sobre uma pesquisa tão fundamental como exaustiva e empreender neste capítulo a sensibilização dos Organismos que a subvencionam numa Sociedade para a qual a Informação tomou um lugar de primeiríssimo plano. Outrossim, o facto de que estes Organismos reconhecem a Arquivologia como um sector que merece subvenção para fundos de pesquisa, é já um começo de reconhecimento social e científico. Finalmente as reflexões e pesquisas arquivísticas poderão participar na renovação da disciplina sob condição que os resultados sejam difundidos por publicações e outros meios que permitam dar a conhecer o seu desenvolvimento.

Recordando o quadro de experiência vivida na Escola de Biblioteconomia e de Ciências da Informação, eis a Filosofia que sustenta a formação em Arquivologia: O que é a Escola de Biblioteconomia e de Ciências da Informação?

— É uma Escola Profissional que ministra os dois primeiros ciclos e interessada nos diferentes processos utilizados pela «Collecte» — organização, armazenagem, conservação, recuperação e difusão da Informação na Sociedade.

A Escola preocupa-se com a gestão da Informação e dentro deste contexto interessa-lhe que a Arquivologia se torne um parceiro das Ciências de Informação, para a gestão do objectivo comum. Deve sempre existir harmonização entre todos os procedimentos comuns às formações em Biblioteconomia, Ciências da Informação e Arquivologia.

Os elementos sobre os quais assenta a formação em Arquivologia são os seguintes:

- Estruturação de um reforço do contexto favorável ao seu desenvolvimento;
- Ensino de uma Arquivologia integrada;

- Harmonização das formações;
- Participação activa no contexto internacional da Arquivologia e das Ciências da Informação;
- Desenvolvimento da pesquisa em Arquivologia.

Existe uma emissão da TV difundida regularmente no «Canal Educativo», emissão «Archives Vécus», bem como houve uma série de conferências em 1986/87 e 1987/88 sobre formação em Arquivologia.

Existe também uma ligação activa no contexto internacional. A Escola conhece-se, julga-se e avalia-se a si própria a partir da comparação com os outros. Para fazer isto, a Escola parte dos especialistas que agrupa e participa activamente em diferentes Organismos internacionais — *Conselho Internacional de Arquivos*, *Federação Internacional das Associações de Bibliotecários*, *Associação de Bibliotecas e Educação em Ciências da Informação* e a *Associação de Bibliotecas Americanas*, de que tem o «agrément».

A Escola de Biblioteconomia e de Ciências da Informação da Universidade de Montréal também se institui como promotora de projectos de pesquisa e de trocas bilaterais que a põem em relação directa com a *Escola de Ciências da Informação de Rabat* — Marrocos — e a *Escola de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas de Dakar* — Sénegal.

Cada um destes projectos permite à Escola uma difusão da sua experiência neste domínio e uma visão dos conhecimentos adquiridos noutros locais. Isso concretiza-se pela *vinda à Escola de Biblioteconomia e de Ciências da Informação de Professores das Escolas atrás citadas*, pelo *envio a Escolas estrangeiras de membros do Corpo docente* e pela *realização de projectos de pesquisa comuns*.

A pesquisa é um dado essencial para a existência de um domínio de aprendizagem universitária. É a única maneira de permitir ao Docente *renovar os seus conhecimentos* e a uma Arquivologia *prosseguir o seu desenvolvimento*.

A Escola favorece a pesquisa sem que isto obste a que os seus professores de Arquivologia sejam obrigados como os outros a produzir, no domínio da pesquisa e de fazer parte dos grupos de pesquisa. Fá-lo ainda permitindo a *publicação de trabalhos de estudantes* e a *realização de trabalhos de pesquisa e de monografias sobre Arquivologia*.

E é tudo. Para esclarecimento de pormenores sobre a formação dos cursos ministrados, junta-se pequena monografia.

N.T.

Esta tradução não é literal.

Tentámos, tanto quanto possível «aportuguesá-la», dadas as diferenças na construção das frases nas duas línguas.

A tradução foi feita a partir de uma gravação em fita magnética. Dado o sotaque cerrado do Conferencista (Francês do Québec), foi impossível entender algumas palavras, pelo que nesses casos se formaram frases dentro do sentido do contexto.

As expressões idiomáticas francesas foram traduzidas por expressões portuguesas com sentido equivalente.

Apesar dos inconvenientes apontados julgamos ter efectuado um trabalho satisfatório.

Gabriel Magno Monteiro de Barros